

## Back to Blank: entrevista com Sérgio Blank

## Back to Blank: Interview with Sérgio Blank

Caê Guimarães\*  
Orlando Lopes\*

**S**érgio Blank nasceu em Cariacica, em 07 de abril de 1964. Em 35 anos de trajetória literária, o homenageado deste número da *Fernão* publicou cinco volumes inéditos de poesia – *Estilo de ser assim, tampouco* (1984), *Pus* (1987), *Um* (1988), *A tabela periódica* (1993) e *Vírgula* (1996), além da fábula para crianças ilustrada *Safira* (1991). Reuniu sua poesia (in)completa em *Os dias ímpares* (2011) e, após um hiato de vinte e três anos sem publicar livro inédito, lançou *Blue sutil* (2019), com poemas em prosa.

O escritor também tem vasta experiência com atividades relacionadas ao livro, de livreiro a assessor especial da Biblioteca Pública do Espírito Santo, tendo promovido eventos como lançamentos de livros, sessões de contadores de histórias, seminários e palestras. Também é coordenador de oficinas literárias, tendo trabalhado com pacientes com transtornos mentais do Centro de

\* Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

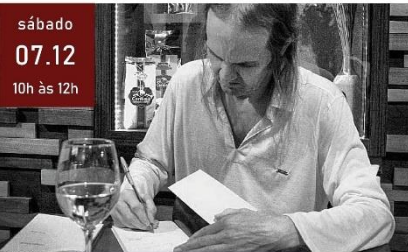
\* Doutor em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Prevenção e Tratamento de Toxicômanos e do Centro de Atenção Psicossocial, instituições da Secretaria de Saúde da Prefeitura de Vitória.

Reproduzimos aqui, na sequência original, a transcrição da entrevista<sup>1</sup> que Sérgio Blank concedeu a Caê Guimarães e Orlando Lopes no dia 07 de dezembro de 2019, no Trapiche Café, centro de Vitória, em evento denominado Portfólio Sérgio Blank, organizado por Vitor Cei para promover este número da *Fernão*.

## Portfólio Sérgio Blank

COM Sérgio Blank, Caê Guimarães e Orlando Lopes



Trapiche Gamão

Rua Gama Rosa, 236. Centro Histórico de Vitória.



Flyer do evento (arte de Luana Dias) promovido pelo Neples.



Trapiche Café, em Vitória, onde Orlando Lopes (sentado à esquerda) e Caê Guimarães (à direita) conversaram sobre a poesia de Sérgio Blank (no centro), mediados por Vitor Cei, coordenador adjunto do Neples (em pé, à esquerda) (foto de Vitor Nogueira).

**O.L.: Gente, queria agradecer pelo convite, por várias razões. Sou uma pessoa bastante interessada no que é a Literatura no Espírito Santo e,**

<sup>1</sup> O vídeo da entrevista pode ser acessado pelo link <https://youtu.be/w2wW7tPQTGI>.

**de diversas maneiras, também acho que tenho uma identidade muito grande com o Sérgio. Além disso, estar em um papo com poetas como vocês também já é uma das realizações para o ano, para a vida toda mesmo. Mas bom, a gente está aqui para fazer uma puxadinha de conversa. Sérgio, a chamada para a entrevista é de um portfólio, e a ideia de portfólio traz a expectativa de uma visão de conjunto, de uma trajetória, de um percurso. Embora isso seja uma coisa muito complicada, muito difícil de fazer, a forma como nós nos enxergamos e o que somos de fato. Você tem uma trajetória que começa em 1984 e vem até 2019. Quando você pensa hoje a sequência do que já escreveu, você consegue se pensar com um projeto de poética, consegue fazer uma definição do que é hoje, esse acúmulo todo, uma concepção de poesia para você?**

**S.B.:** Eu agradeço o convite para estar aqui nesta manhã de sábado com vocês, sendo *dissecado* de alguma forma, afetivamente, e agradeço à Ufes, por lembrar do meu nome nessa homenagem tão específica, tão delicada e tão necessária para mim nesse momento. 2019 foi um ano... tem sido um ano muito difícil, para todos nós, para mim especialmente. Não foi um ano fácil. E finalizar o ano com esse encontro é um verdadeiro prêmio no sentido maior da palavra. A sua pergunta, Orlando, ela é muito alfinetante, vamos dizer assim, porque quando eu iniciei essa celebração de trinta e cinco anos de literatura eu pensei bastante nisso - "O que eu fiz nesses trinta e cinco anos?". Isso merece uma celebração mesmo? Esse número ímpar, trinta e cinco, por que celebrar isso? E eu me propus até a fazer uma releitura do que tinha produzido nesses anos todos, mas não consegui. E iniciei o ano reeditando um livro inédito depois de vinte e três anos, e que se transformou numa efeméride. Foram trinta e cinco anos. Desses trinta e cinco, cerca de dez anos sem produção direta na escrita. E o que eu vejo hoje é que o meu compromisso desde quando eu comecei, com 18, 19, 20 anos de idade (hoje eu estou com 55), é o mesmo, é a responsabilidade com a palavra, o respeito pela palavra. É um compromisso que eu mantenho e acho que

consegui cumprir nesses trinta e cinco anos, esse grande respeito pela palavra. A palavra é tão maltratada por todos nós, no cotidiano... Isso não chega a ser uma crítica, mas uma observação, e a partir do momento que eu me fiz oficineiro, meu maior ofício passou a ser trabalhar a palavra. Tudo que publiquei, que levei para o público, que levei a ser transformado em Literatura. Ou, pelo menos, a proposta era essa, e a responsabilidade com a palavra eu mantive. Então, assim, eu tenho essa segurança. Não é cabotismo, não é vaidade, é uma segurança no sentido de que se não tivesse acontecido esse respeito pela palavra, eu acho que eu não estaria aqui hoje depois de trinta e cinco anos. Nesse período todo eu convivi com muita gente que se propôs a trabalhar a palavra e que “ficou pelo caminho”. Mulheres, homens, jovens que hoje já estão maduros. Alguns mantiveram o trabalho poético com a palavra, mas eu acho que se desviaram um pouco da experimentação. Outros buscaram atalhos... e eu tentei ser sincero, franco e honesto no meu compromisso com a palavra. Então, assim, esse compromisso, essa responsabilidade... eu tenho essa segurança, como disse, não é uma segurança de deitar a cabeça no travesseiro e ficar tranquilo, mas é uma segurança no sentido de missão cumprida. Então esse é o meu sentimento hoje: de um compromisso com a palavra levado até as últimas consequências. Até no silêncio, até no período que eu deixei de escrever e me envolvi com outro tipo de palavra, que era... Nunca deixei de lidar com a Literatura. Minha vida é Literatura. Eu tive oportunidade ou privilégio de trabalhar em vários ângulos, em várias posições nesses trinta e cinco anos que eu trabalhei como escritor, como leitor, com incentivador de leitura, como incentivador de escrita, como editor, como vendedor de livro, como crítico. Então, assim, eu fui janela e vidraça em vários momentos. E essa oportunidade me trouxe um amadurecimento, é óbvio. E o compromisso com a palavra se manteve até no silêncio.

**O.L.: Bom, eu fiz questão de ser capcioso mesmo, fazer uma pergunta bem pesada para começar, para tentar ter um pouco dessa referência, ainda antes de a gente entrar na conversa e nos comentários de**

**aprofundamento, ter uma colocação bem direta de como você percebe a Poesia.**

**C.G.: Queria primeiro agradecer ao Vitor Cei e ao Neples, pelo convite. Também agradeço ao Trapiche, por estar nos recebendo. E, rapidamente, aproveito para falar também da admiração, do carinho, do respeito que tenho pela figura do Sérgio, pela obra dele. A primeira vez em que eu fui publicado foi o Sérgio que literalmente me buscou, soube que eu escrevia. Nós nos conhecemos numa exposição num espaço universitário em 1992 ou 1993. Ele falou: “eu soube que você escreve, quero ver seus textos”. Então o Sérgio sempre teve essa preocupação, num meio tão regido por egos inflados, de se deslocar e de se preocupar com o outro, e de tentar buscar no outro um sentido de perpetuação que é fazer Literatura, produzir Literatura, com entendimento de que não se compete nessa área. Então quanto mais gente estiver escrevendo, e escrevendo com seriedade, mergulhando nos seus projetos literários, melhor. Para falar do poeta, enfim, falaremos, mas acho que é importantíssimo ressaltar o que representa o Sérgio na promoção e na divulgação da leitura no Espírito Santo. Eu, onde quer que vá, vou e tenho oportunidade de estar com o Sérgio, falando do Sérgio, lendo coisas do Sérgio, sempre reflito e desafio qualquer instituição a provar, a me mostrar – eu estou nessa área há pelo menos trinta anos – alguém que tenha feito mais, alguma pessoa física ou uma instituição que tenha feito mais pela promoção do livro e da leitura em todas as suas facetas. Então acho que isso precisa ficar registrado porque o Sérgio merece respeito, carinho e aplauso de todo mundo. A minha pergunta tem um certo parentesco com a do Orlando. Nesse período de doze anos, de 1984 a 1996, o Sérgio publicou cinco livros de poesia e *Safira*, uma incursão na literatura infantil. É um período curto para uma atividade tão intensa. Você tem uma média aí de um livro a cada dois anos. Mas cada livro é um caso, é uma história,**

**é um momento. Eu queria saber de você, Sérgio, porque eu também nunca te fiz essa pergunta pessoalmente, e se tivesse feito, faria agora publicamente, para efeito de compartilhar e tal. O processo criativo de cada um deles, quais foram as semelhanças e quais foram as diferenças? Por exemplo, eu tenho para mim que *A tabela periódica* parecer ser o seu livro mais conceitual. O *Estilo de ser assim, tampouco*, talvez por ser uma estreia, me dá a impressão de que você tem uma linha conceitual, mas acaba fazendo um apanhado de outras coisas em tal volume (eu fiz isso na minha estreia). Fernando Tatagiba inclusive fez uma crítica muito elogiosa e ele brinca e fala isso, que às vezes você deveria ter tirado alguns poemas porque teria mais coesão. Como foi isso num espaço tão curto, uma produção tão intensa e quais foram as semelhanças e as diferenças no processo de criação de cada um desses cinco livros de poesias?**

**S.B.:** Caê, você sempre direciona a minha história nesse sentido de que eu tenho um valor no meio literário aqui do estado. Eu agradeço a sua gentileza, a sua generosidade, mas acho que tem muita gente, pessoas que, durante e após a minha participação, têm feito e fazem muita coisa boa também. Então, assim, nós somos um grupo pequeno, mas um grupo em atividade constante que merece todo aplauso. Eu sou mais um. Mas esse período de doze anos em que eu escrevi cinco livros foi um período em que eu era uma criatura apaixonada pela vida e pelas coisas, pelas pessoas. Então essa paixão pela vida me levou a escrever. Hoje eu tenho consciência clara disso porque o período mais ou menos de um livro para o outro eram dois anos. Eram como se tivesse gestações, gravidez, de livro para livro. E eram projetos como se eu estivesse gestando. E cada livro era aquele afeto que saía. E cada livro, eu vejo hoje, que são livros com estilos diferenciados, em busca de linguagens. Eu estava caminhando por linguagens, porque eu era um rapaz que tinha uma grande paixão pela vida, tinha grandes esperanças ainda. São poemas com um olhar, com uma percepção sempre muito crítica, opinião em alguns livros até muito ácida para o meu gosto

hoje, um olhar agudo sobre o que acontecia ao seu redor, mas era uma criatura apaixonante, um cara apaixonado por tudo. Então isso que levou a esse desejo de fazer livros. E isso foi se perdendo como acho que se perde com o tempo, com as experiências, as vivências que a gente vai adquirindo e eu fui selecionando. Eu digo que, como vivencio hoje, que eu escrevi sim algumas coisas nesse período, depois desses doze anos, mas eu descartava de imediato porque eu achava que não estava dentro do patamar da qualidade que eu coloquei nas escolhas que eu fiz, nas buscas de linguagem, na estética que eu estava buscando, no conteúdo que eu queria apresentar. Então são cinco livros, e eu vejo que com a reedição pela Causa com o título *Dias ímpares*, eu tive a obrigação profissional de relê-los depois de décadas para fazer a revisão. Eu fiz a revisão junto com o Reinaldo Santos Neves, que me acompanhou nesse trabalho difícil. Foi muito difícil para mim reler os cinco livros depois de mais de dez anos, quinze anos, quando eu peguei aqueles cinco livros, me deu vontade de jogar tudo fora de imediato.

**O.L.: Bom sinal!**

**S.B.:** Eu falei: para que mexer nisso? Mas não era meu mais. Uma consciência histórica que não me pertencia mais. Aquele acervo que estava ali, aquela história de um escritor, de um poeta não era meu, me pertencia, mas ao mesmo tempo não me pertence. Então foi muito sofrimento fazer essa releitura. E nessa releitura, estou lembrando agora de um fato... Voltando à sua pergunta, eu percebi que são cinco livros bem diferenciados. Não propositalmente talvez naquele momento, mas era uma... talvez uma escada, não sei se para cima ou para baixo, mas de busca de linguagens, de estética, e quando eles se juntaram em um livro só eu não vi uma coerência no livro, mas eu vi coerência no comprometimento com a poesia, com a sensibilidade, com esse olhar agudo para as coisas do meu mundo, do mundo no qual eu vivia. Então, assim, não sei se respondi à pergunta, mas tanto a sua pergunta como a do Orlando são perguntas difíceis para eu responder. Antes de chegar aqui eu estava comentando com um

amigo que há cerca de dois anos eu jurei para mim, em frente ao espelho, que eu ia parar de falar sobre a minha obra, falar sobre Sérgio Blank, falar sobre meu trabalho porque eu tenho uma profunda antipatia com essa expressão lugar de fala, que virou moda. E eu quero estar num lugar de escuta, quero me colocar nesse lugar, só que as situações te levam a falar, te puxam para a mesa. E eu não sou de fugir dessas provocações. Então são duas perguntas que eu tenho um pouco de dificuldade de responder, espero que tenha conseguido responder e vamos continuar.

**O.L.: Pois é, Sérgio, eu acho que essas questões são muito delicadas porque elas são delicadas para todos nós que lidamos com Literatura, está todo mundo tentando responder a isso que a gente está perguntando para você. E a coisa de a gente estar aqui, começar entrar um pouco nessa conversa que vai avançar e pensar um pouco sobre o seu trabalho, então... não me considero nem de longe um especialista na obra do Sérgio Blank... Já me aproximei alguns momentos tentando estudar e tudo, mas acho que quando a gente começa a olhar a obra de Sérgio, tem alguns elementozinhos que vão construir a poética, o que é a recorrência que vai aparecendo dentro da obra de alguém, e isso é muito... Para a gente que olha, pensando a partir de dentro da própria academia, obrigando-se uma série de sistematizações e tal, eu fico impressionado com a sua coerência. Existe uma trajetória que a gente vai pegando, vai apontando dentro da obra. Se pegarmos apenas os títulos da obra do Sérgio – *Estilo de ser assim, tampouco, Pus, Um, Vírgula, Os dias ímpares* –, vai se formando uma ideia de “singularidade” que é muito marcada. Ser dono e consciente da própria existência. E ir apontando isso desde o próprio título, tem um elemento que vai se depurando... Isso também na sua construção de percepção da própria vida, porque vem uma outra discussão, sobre a questão de que “poesia” não é só “escrever versos”. Poesia não é só pegar e colocar palavras numa página. Para quem acredita em poesia, tem alguma**



coisa a mais acontecendo enquanto nós e o texto estamos ali. E um pouco disso é a construção da gente, de todos nós que estamos nos construindo pela Poesia. Só que, ao mesmo tempo que a obra sugere esse elemento da singularidade, poder contar com a figura física do Sérgio ajuda a entender bastante, porque é de uma leveza e de uma efemeridade, uma coisa que se acha diáfana dentro dos textos... e aí eu vou rememorar um pouco como o Caê. Eu me considero poeta desde os dezesseis anos, e a minha descoberta de ser poeta passou exatamente pela leitura do *Pus*, foi uma das coisas que foram atravessando na minha frente. Então eu já vinha gostando um pouco da ideia de *saber* o que é um verso, já tinha sido apresentado para alguns poetas e tal, e aí um amigo chegou na escola que eu estava, no segundo grau lá em Guarapari (o Ivan Castilho, talvez vocês conheçam, de referência). E o Ivan ficava pegando os livros que estavam acontecendo aqui em Vitória, levava para Guarapari e distribuía para a gente. Então ele chegou e falou: "tem esse cara que está lançando esse livro aqui, parece com o que você gosta e tal, não sei o quê". Eu peguei para dar uma olhada, aí eu falei assim: "esse cara é de onde?" "Ele é daqui de Vitória". Na época eu não conseguia vir muito, dezesseis anos e tal, não andava sozinho. Então criou-se assim, pela primeira vez para mim, aquela coisa de você olhar e ver um texto potente e *presente*. Tem isso nele, singularidade, efemeridade, leveza, mas ao mesmo tempo tem permanência. Você acaba de ler, você fica com uma coisa ali te cutucando um pouco, porque são imagens, são fragmentárias, essa atribuição de pós-modernidade, de ser um poeta pós-moderno e tal. E aí aquilo assim me pegou muito e eu ficava muito com isso de como é ler alguma coisa que não te obriga a chegar numa unidade de sentido, a fechar uma interpretação, a ter uma interpretação fechada. E aí eu volto a falar assim, eu só vi esse tipo de discussão, eu só vi isso num texto, eu só fui entender isso, só fui apresentado a isso como discussão depois de entrar no curso de Letras, só que um curso de Letras

**avançado em teoria, e começar a lidar com esse tipo de questão. E eu sei que você é uma pessoa que não gosta de fazer essa vinculação imediata com discursos teóricos e acadêmicos... Não é uma crítica, mas você vê esses três elementos – a leveza, a efemeridade e a singularidade – em sua poética?**

**S.B.:** Sim, Orlando. Quando eu apareci em Vitória, com o meu primeiro livro e depois, logo em seguida, com o segundo livro, o *Pus*, que teve mais impacto, o retorno que eu tive de encantamento da juventude da época, principalmente, foi nesse sentido, que existia essa leveza. O comentário básico que eu recebia era esse: “Eu li o seu livro, não entendi nada, mas adorei”. E eu escutei isso com bastante frequência e isso me agradava muito ouvir. Você escutar isso de uma pessoa que não era um leitor de poesia ou uma leitora de poesia, que chegavam para mim na rua, nos bares, na noite que eu frequentava muito, e diziam “olha, eu li seu livro e gostei muito, não entendi nada mas adorei”. E esse encantamento me encantava também, o que eu estava levando para essas pessoas, eu estava iscando novos leitores. Que trabalho era esse que eu estava fazendo, sem pretensão nenhuma? E eu fui começar a compreender isso muito tempo depois, com a análise crítica de acadêmicos, análise mais específica, mais técnica, vamos dizer assim, com o passar do tempo. A poesia que eu trouxe para a ilha de Vitória, para o estado do Espírito Santo, porque teve um período que eu viajei bastante pelos municípios – eu viajei profissionalmente – era isso, era o novo. Eu tenho muito cuidado em usar essa palavra, “novo”, porque ela é muito mal utilizada, porque nada é novo. Nunca nada é novo. Então apareceu um novo poeta, uma nova poesia, um novo escritor, uma nova literatura... mas eu tinha consciência de que o eu fazia já se fazia há muitas décadas. Não que eu me inspirasse em poetas e poetas mulheres, mas, assim, com as minhas leituras eu via tudo, “isso daqui não tem nada de original”. Mas para o momento veio a calhar, para o momento histórico da coisa, eu vim compreender isso durante décadas depois. Mas essa surpresa que causava nos leitores, nas leitoras também me causava, essa reação. Então, assim, que era uma coisa que agradava, incomodava,

causava estranhamento. E é esse estranhamento, essa magia que norteia a Literatura, que norteia a Poesia, não é? Então, assim, tentaram me comparar com alguns autores da época, que de imediato eu não concordava porque... Eu cito sempre isso, não gosto muito de fazer essa citação, mas não tem como, historicamente. Quando eu lancei meus dois, três primeiros livros, já no primeiro, no mercado editorial aqui no Brasil tinham chegado os livros de Paulo Leminski e Ana Cristina Cesar. A editora Brasiliense tinha uma coleção... Então ela chegou aqui em Vitória. Eu trabalhava em livraria, e lá as pessoas tiveram acesso ao livro do Leminski e de Ana Cristina Cesar, entre outros. E de imediato tentaram me comparar com aquilo. "Olha, tem um cara aqui no estado do Espírito Santo que está fazendo uma coisa próxima ao que os 'estrelinhas' atuais estão fazendo". E eu não gostei dessa comparação porque eu não era aquilo ali, eu não via nenhuma aproximação em nenhum sentido com Leminski nem mesmo com Ana Cristina Cesar. E não fui leitor deles durante muito tempo. Eu fui aprender a gostar dos dois depois de bastante tempo... talvez duas décadas. E hoje respeito e admiro, guardadas as devidas proporções. Então, assim, isso é normal, quando acontece essa surpresa, esse encantamento, você vem fazer comparações. É aproximar a um grupo, a uma estética. Então essa leveza eu acho que existe sim, porque associada a minha pessoa, ao meu jeito de ser, a minha forma de lidar com o mundo, lidar profissionalmente com as pessoas, lidar socialmente, essa coisa agridoce que eu sempre fui, de ser uma pessoa... Durante muito tempo eu tinha um estigma que eu odiava, hoje eu posso falar isso, mas "ah, ele é um anjo". Eu nunca vi um anjo em momento algum. E isso me incomodava, me irritava, mas eu engolia, comia com cerveja, mas era uma coisa agridoce porque eu sempre fui muito crítico, pelo menos em alguns momentos ácido, mas passava essa suavidade. Eu acho que eu levei um pouco isso para a literatura. Um pouco, não. Então eu levei para a Literatura e está aí, os livros estão aí, e a suavidade veio à tona em força após o hiato de vinte e três anos com o livro *Blue sutil*. Para mim ainda é um grande ponto de interrogação.

**C.G.: Eu e o Orlando não combinamos, mas mais uma vez existe um parentesco, sincronicidade nas nossas questões. E aí eu vou puxar essa coisa do Leminski porque eu já disse isso inclusive na Biblioteca Estadual, naquele evento em que falamos do *Sol solidão*, do Sinval Paulino. Eu já acho o contrário. No caso específico do Leminski, tenho a sensação de que pairavam nos anos oitenta duas sombras sobre a produção daquela época, a sombra do Leminski e da poesia marginal. E o Leminski, além de tradutor, professor, ele era publicitário. A poesia dele tem muito do texto publicitário, aquela coisa fechada, redonda, trocadilho. E tua poesia é exatamente o contrário. Assim, ela é completamente aberta, hermética, sujeita a várias leituras, inclusive a primeira vez que eu li poemas seus em público, para orientar a minha leitura, eu tive que dividir em uma métrica minha. Isso está guardado, um dia eu te mostro, peguei seus poemas e quebrei em outra métrica, porque se eu fosse falar com a sua divisão não seria a minha voz interpretando a sua poesia. Então eu discordo completamente, eu acho que na verdade a sua singularidade na época é exatamente por não estar emulando aquele tipo de poesia redondinha, fechadinha, ainda que você também usasse elementos da coloquialidade, cultura pop, mas outros também de forma muito mais abrangente. E aí eu vou fazer uma pergunta sobre uma poeta – poetisa é um nome horroroso – que você sempre faz referência como um de seus afetos literários, que é a Cecília Meireles. Mas na sua produção dos anos oitenta e noventa, eu não consigo enxergar eco nenhum da Cecília Meireles. Talvez em *Blue Sutil*, um livro já da maturidade. E é muito curioso assim, eu, pessoalmente, tenho João Cabral de Melo Neto como o maior poeta da língua portuguesa em qualquer tempo e lugar, e eu nunca consegui dialogar o que eu faço com o João Cabral. É sempre uma tentativa frustrada. E é maravilhoso que seja. Nem sempre encaixa e não vai encaixar. Enfim, cada um tem a sua digital. Mas além da Cecília, naquele momento, vejo ecos de E. E. Cummings, talvez em algumas**

**coisas suas, muito mais do que Leminski, Ana Cristina e tal. Quais eram os poetas que estavam rondando seu travesseiro de noite, suas incursões na máquina de escrever? Quem você lia? Você sempre fala dela, mas eu queria de outros, e com o distanciamento de duas décadas, quase três, dos livros desse período, quais ecos você enxerga ali? Porque o tempo nos permite isso, você olhar para trás e falar “inconscientemente eu estava tentando dialogar, estava emulando, estava fazendo um *sampler* de fulano de tal ou sicrano”. Quais são os fantasminhas aí que te habitam?**

**S.B.:** Olha, Caê, os fantasmas literários que eu tenho até hoje foram leituras assim que puxaram o meu tapete, não foram nem na poesia. Na poesia, você mesmo falou, eu faço sempre referência a Cecília Meireles, que não tem absolutamente nada com o que eu faço, tecnicamente, estilo. E a Cecília, fui e sou um leitor da Cecília Meireles. A Emily Dickinson também me causou um grande susto, um grande espanto quando eu conheci, mas minha literatura não tem nenhuma proximidade com a de Emily Dickinson, mas o que me influenciou talvez... Eu acho que eu nunca afirmei isso não, é a primeira vez, foram as leituras em prosa que durante um... Eu tive minhas crises de travesseiro, insônias, assim, “vou largar poesia e vou fazer prosa”. E é o que eu acho que respingou bastante na minha literatura e que talvez ninguém reservou essa leitura crítica por esse lado, mas hoje eu vejo bastante isso. Eram as leituras que eu fazia naquele momento, que foram leituras que me abalaram muito na busca de alguma estética na poesia, mas que eram leituras de prosa. William Faulkner, quando eu comecei a ler a obra de Faulkner, eu fiquei assim fascinado. Eu queria fazer aquilo, eu queria escrever *Absalão, Absalão*, eu queria escrever...

**C.G.:** Você me emprestou esse livro.

**S.B.:** Sim. Eu queria escrever *Luz em agosto, Enquanto agonizo*, todos os outros livros dele que eu lia e relia. Um pouco antes, quando eu li Virgínia Woolf

também, aquilo me causava um susto gigantesco. James Joyce, que é uma grande provocação, uma leitura que eu comecei e jamais vou terminar. *Dublinenses* é um livro que fascina, sempre fascinou. Nossa, que inveja, queria escrever *Dublinenses*. Mas eu não sei se isso respingou na poesia. Eu acredito que sim. Então, assim... Eu não vejo influências das minhas leituras na minha poesia, porque as minhas leituras eram Fernando Pessoa, era Emily Dickinson, era Cecília Meireles, era Drummond. E eu não tenho nenhuma afinidade técnica, conteúdo, de nada com Drummond apesar de ser um leitor prazeroso da obra dele. E então, assim, eu acho que minhas leituras de prosa naquele período em que eu produzi esses cinco livros, com frequência me deram rumos para poesia. Eu penso que seja isso, mas eu não falei muito sobre isso ainda, talvez esteja falando isso hoje. Porque eu tenho pensado nisso, relendo algumas coisas recentemente. Talvez isso, essa busca de uma linguagem. Eu me lembro – só um fato histórico – dentro da nossa conversa, das poucas vezes que eu tive retorno público, não privado de leitores sobre a minha poesia, teve dois momentos assim que... A gente estava falando, esse espanto que foi o acontecimento do Sérgio Blank. Porque existiram algumas poetas que publicaram no mesmo período, que eram Waldo Motta, com um trabalho magnífico que ele fazia naquele momento, e ele teve um retorno, o Waldo teve uma mídia nacional. Teve retorno, *O Pasquim* deu espaço para o Waldo Motta. E tinha o Miguel Marvillá, o Oscar Gama Filho. Na poesia, vou citar especificamente. E só. Não tinha mais quase ninguém. Aí apareceu o meu nome, então causou esse atrito, esse espanto. Quando eu publiquei o *Pus*, Arnaldo Antunes veio lançar o primeiro livro de poesia dele, que foi o *Psia*. Ele estava já em fase de se afastar do Titãs e teve um lançamento aqui desse livro e eu entreguei o *Pus* para ele, antes do lançamento. Foi na Ilha da Fumaça, uma festa que teve lá, num casarão antigo que tinha, ele até desabou. E depois que tive o retorno, um amigo comentou, eu entreguei, embrulhei e entreguei para ele assim timidamente. Era 1987, o Titãs estava no auge. E ele leu, ele comentou que ficou encantado com o trabalho. E isso me deu um alento tão forte, puxa, o cara que eu tinha... Eu admiro ainda, admirava o trabalho, tem um pé tão avante do que estava sendo feito pelo Brasil

em todo os aspectos, esteticamente, postura em todos os sentidos. Os Titãs, dentre todos os grupos musicais daquela época, era o que mais me apetecia. O *Cabeça dinossauro* é um grande disco, as letras são fantásticas. E logo depois, uns anos depois, o Geraldinho Carneiro veio a Vitória, e ele veio dar uma oficina, alguma coisa assim. E em uma entrevista, a jornalista perguntou quais as leituras que ele estava tendo naquele momento de poesia contemporânea brasileira que ele indicava, e ele me indicou. Assim, literalmente eu caí da cama quando eu li num jornal de domingo, na época, era *A Gazeta*. Ele falou que ele tinha lido e gostado de Manoel de Barros e Sérgio Blank. Manoel de Barros estava começando a ser mais divulgado. Isso foi final dos anos 1980, início dos anos 1990. Então foram dois socos no estômago que eu tive, no sentido, assim, de ter um olhar de fora, de valorizar o que eu estava fazendo, porque eu nunca me iludi com elogios do quintal, vamos dizer assim, como a gente tem sempre e vai ter sempre. Então nós temos nosso quintal e as pessoas elogiam. Existem os elogios sinceros e existem as bajulações, e as bajulações oficiais que a gente tem que conviver às vezes. Mas então, assim, a sinceridade desses dois comentários me acalentou muito naquele momento. Mas é isso. O “acontecimento Sérgio Blank”, eu acredito que historicamente eu dei sorte. Eu acredito em sorte. Eu não sou místico, eu não sou esotérico, mas nunca tive esse tipo de postura de vida, mas, assim, eu acredito em sorte. Eu dei sorte, eu publiquei na época porque eu tive apoio da Universidade Federal do Espírito Santo. Os quatro primeiros livros tiveram esse apoio direta e indiretamente. E a cidade de Vitória e o estado do Espírito Santo sentiam fome desse tipo de Literatura. E eu apareci. E durante mais de uma década, me incomodava profundamente ser chamado de “jovem autor” porque mais de uma década sendo jovens escritores, jovens poetas, Sérgio Blank, Miguel Marvillá, Oscar Gama Filho, Waldo Motta. Estou esquecendo de Paulo Roberto Sodré, que agia mais timidamente, mas teve sua importância poética, que vale lembrar aqui também. E ficou nisso mais de uma década, e aquilo começou a me irritar, esses jovens poetas não estão mais tão jovens. E hoje estamos com uma produção literária muito densa. Então eu tive essa sorte, porque com toda sinceridade, eu não acho que se senão fosse essa sorte, eu acho que aquela

poesia não tinha tanto valor. Tem, sim, tanto que está aí hoje, mas, assim, não merecia ser tão incensada como foi durante um período. Acho que todos nós, tanto a poesia de Waldo com aquele engajamento homossexual e de periferia, de submundo, de negritude, aquilo quase não existia no Brasil. O Waldo foi fiel ao que ele quis fazer. A poesia de Miguel, na sombra de Drummond, a poesia de Oscar Gama, uma coisa mais acadêmica, mas de extrema qualidade, a poesia de Paulo Sodré buscando a estética também mais para prosa, que o Paulo tem uma liga o mais forte com a prosa. A prosa poética, sensual. E eu nessa modernidade que se permitia naquela época, que se chamava de pós-modernidade – eu sempre uma grande antipatia por essa expressão, tanto que ela morreu, ela faleceu. Hoje ninguém fala mais isso, pós-modernidade. Um grande período tudo era pós-moderno, eu achava isso de uma grande bobagem, como hoje os termos estão na ponta da língua, “empreendedorismo”... Vou parar por aqui. “Conectado”, a gente tem que se conectar o tempo todo... Eu tento me desconectar. Mas então, assim, eu dei essa sorte. Mas eu acredito que se eu tivesse publicado isso l  no Rio ou em São Paulo não teria esse impacto. Acho que seria mais um também no meio. Então, assim, eu sempre tive esse p  no chão, fincado no chão. Então, assim, eu sei o meu valor, mas... Eu sei o meu valor, mas assim, nunca me iludi. Tanto que eu não aconteci nacionalmente. O que era “acontecer” naquele momento? Eu tive oportunidade de ser publicado por uma editora, uma parceria da Ufes com a editora Ânima, que era uma editora que tinha uma proposta contemporânea na época. Era um cara jovem, o Julio Cezar Monteiro Martins. Ele estava publicando principalmente autores de fora do Brasil... Quer dizer, prosa de fora do Brasil. Então ele buscava romancistas e contistas... Ele não tinha nem interesse em publicar poesia. Mas chegou a publicar na época.

O Pedro Bial tinha um grupo de poesia, “Os Camale es”, quando o Pedro Bial fazia poesia. Então eu tive esse momento de publicar o livro *Pus* com uma editora do Rio e não aconteceu absolutamente nada. Nada. Por isso que eu tenho os p s fincados no chão, porque nós tivemos oportunidade. Fui ao Rio de Janeiro buscar



essa parceria com essa editora Ânima e levei quatro originais de livros. Eu levei o livro *No escuro armado*, primeiro livro de contos do Marcos Tavares, levei *Diga adeus a Lorna Love*, de Francisco Grijó. Levei *Eis um homem*, a coletânea da obra completa naquele momento de Waldo Motta. E levei *Pus*, de Sérgio. Esse rapaz, o Julio Cezar, se encantou com os livros de Grijó e Tavares, porque eram dois contistas contemporâneos e ele se encantou mais ainda com poder fazer uma parceria com uma universidade. Ele não tinha interesse em publicar poesia, tanto que ele descartou de imediato o livro de Waldo e eu fui de brinde, de chaveiro, porque fiz o intercâmbio, então ele colocou o meu livro *Pus* de sobremesa, ele não tinha interesse em publicar. Cheio de promessas e não aconteceu absolutamente nada, nem para nos convidar para fazer um lançamento no Rio ele nos convidou. Ele não distribuiu, ele não colocou nas livrarias do Rio de Janeiro. Eu não sei o que ele fez com aqueles livros. Nós mandamos uma quantidade ou outra. Na época a Ufes publicava de mil a dois mil exemplares. Então era muito livro. Se eu não me engano, a gente mandou quinhentos exemplares para o Rio, eu não sei o que esse cara fez com esses quinhentos exemplares. Porque eu pesquisei, eu pedi a amigos que moravam no Rio e em São Paulo para dar uma olhada. E não aconteceu nada com esse trabalho. Então nós tivemos essa oportunidade de “quebrar o mercado”. Ninguém quebrou, demorou décadas. Quem quebrou essa virgindade editorial foi Elisa Lucinda e Viviane Mosé, que são as duas únicas até hoje. Na poesia e na literatura em si. Se você fizer uma pesquisa no mercado editorial, em termos dos que conseguiram ter alguma visibilidade fora do Espírito Santo. Então, assim... Eu pensei em sair. Logo depois que eu publiquei o *Estilo de ser assim, tampouco*, em 1984, eu tentei ir para o Rio, passar uma temporada no Rio e fazer alguma coisa lá, mas desisti de imediato. Mas a coisa aconteceu porque existia esse movimento, que não era um movimento construído propositalmente, mas existia, que era o trabalho que Reinaldo Santos Neves fazia na Fundação Ceciliano Abel de Almeida, junto com a Universidade, que era a Coleção Letras Capixabas, que publicou quarenta títulos de 1980 a 1989. E aí foram lançados Fernando Tatagiba, Adilson Vilaça, Renato Pacheco, Luiz Guilherme Santos, Reinaldo Santos Neves,

Bernadette Lyra. Então estão aí todos. Depois, mais na frente, eu, Waldo Motta e tantos outros que eu não vou lembrar agora. Então esse período histórico deu esse pontapé, por isso eu tenho consciência do meu lugar na Literatura. Acredito, como eu falei no início da nossa conversa, que esse comprometimento, esse compromisso com o respeito à palavra fez essa minha história de trinta e cinco anos. Eu tenho consciência disso e tenho orgulho disso. Tenho orgulho de que isso foi dolorido. Não foi fácil, não é fácil, porque eu tive que abdicar de muita coisa. Eu resolvi viver a Literatura. Então, assim, viver a Literatura não paga conta, nunca pagou em nenhuma época. Na biografia de qualquer escritor você lê e você sabe disso. Então é um sacerdócio. E eu vivi de Literatura, vivi mal, vivo mal de Literatura. E não vou deixar disso. Então esse compromisso que me manteve até hoje, que tem esse respaldo, esse retorno de respeito que me cabe e que eu agradeço.

**O.L.: Sérgio, a gente está conversando com um poeta maduro, que já passou aqui um pouquinho o arco do que é sua obra. Como você lembra de quem era o Sérgio Blank jovem? Você consegue apresentar um resumo ou panorama? Você falou que assumiu viver a literatura, não é? Como é que você vivia a literatura quando era jovem? Essa pergunta me veio por lembrar de uma foto sua com uma capa... você passeava e andava na madrugada. Então, assim, entre o anjo e o demônio. O que você já aprontou? O que era aprontar para Sérgio Blank? O que era o seu hobby?**

**S.B.:** Olha, Orlando, existe muita lenda. Eu tenho fama de mal, mas eu não era mal. Eu não usava drogas, só bebia. Então, assim, eu fui noturno, eu fui uma criatura noturna durante décadas. Sou ainda, só que agora domesticamente. E isso criou lendas divertidas. Eu até me divirto um pouco, mas não tem muito fundamento. Essa estética do poeta que andava de roupa preta foi um momento tão curto na minha vida, isso não durou nem um ano. Sabe? E isso marcou tanto porque as pessoas se apegaram a essa imagem e foi um período extremamente

curto. Mas eu vivia muito a noite e isso me deu uma bagagem muito forte. Eu era aquele que fechava todos os bares, fiz isso durante muito tempo. Então eu sentia uma alegria, um prazer imenso de chegar em casa de manhã, com o dia amanhecendo que você nem imagina. Eu achava aquilo bastante saudável. (risos) O senhorzinho indo para a padaria e eu chegando em casa, nossa, como era bom! E essa transgressão de as pessoas estarem no ponto de ônibus indo trabalhar e eu chegando. Mas eu deixei de trabalhar, eu não deixei de produzir, eu não deixei de criar, eu não deixei de construir, apesar disso. Eu não deixei de ser responsável com o meu trabalho, com os meus compromissos profissionais que eu tinha e tive nesse período. Então essa figura que é poeta bêbado vestido de negro ou que fosse realmente drogado é mais uma lenda que não existia. Eu tinha uma vida sexual restritíssima. Eu sempre fui muito discreto na minha vida pessoal. A minha vida afetiva e a minha vida sexual não merecem ser notícia. E eu levava minha solidão para a noite, e isso incomodava muito. Eu era o sujeito que ficava no balcão bebendo, e isso provocava, incomodava mais... era uma solidão tranquila, constante. Cara, me fazia bem ficar ali, horas, bebendo e olhando, observando, conhecendo pessoas e vivenciando histórias.

**C.G.: Eu vi isso.**

**S.B.:** Sim.

**C.G.:** Foi uma das minhas primeiras incursões noturnas, tem uma diferença de idade aí de seis, sete anos. Eu ia para a Adega, e conheci o Sérgio porque ele já era um escritor com prestígio na cidade e tal. Eu falava "que engraçado, ele fica sentado horas a fio olhando as pessoas, talvez isso seja importante para o escritor".

**S.B.:** É, as pessoas criavam...

**C.G.:** Inverdades.

**S.B.:** Criavam minhocas, plantações de minhoca na cabeça com isso. Nada. Era uma pessoa solitária. Eu não estava ali na caça nem na pesca, como geralmente as pessoas fazem na noite. Estava ali para suportar a minha solidão. Carregar o peso da minha solidão. E aquilo não se transformava em literatura assim tão fácil. Se transformou, assim, eu moía toda aquela vivência... A noite é muito solitária. As pessoas estão buscando qualquer coisa, sempre. Então eu gostava de ver isso, de assistir isso, mas... E gosto. Ainda continuo gostando. De vez em quando eu me solto aí. Esse jovem poeta, essa lenda do rapaz de negro. Tem a mulher de branco do banheiro, tinha o rapaz de negro no boteco, era uma bobagem. E foi um período muito curto. Tiveram outros períodos, outros momentos. Eu tive momentos muito mais sociáveis, com grupos de amigos que faziam programas noturnos, mas que ficou essa imagem do menino que incomoda. Criou-se algumas coisas assim que chegaram até a me prejudicar em alguns momentos, porque associa-se a vida da boemia, da bebida à utilização de drogas ilícitas e à irresponsabilidade. Se você é noturno, você é irresponsável. Então, assim, eu vivi isso dentro do meu trabalho, de preconceito mesmo, ah, ele é poeta, ele é boêmio, então, assim, ele não é responsável, ele não vai cumprir. Então, assim, eu em alguns momentos tive que defrontar com esse tipo de situação. Eu tive que provar que não, eu sou extremamente responsável no que eu faço e sempre fui. Então, e provei. E provei, que meu histórico de trabalho está aí. Então hoje me diverte, esse personagem que eu não criei propositalmente. Foi de uma sinceridade que me diverte, é o que eu posso dizer, me diverte isso, mas existem vários momentos... A poesia que eu fiz nos anos 1980 é uma, a poesia que eu fiz nos anos noventa é outra. A vida que eu levei nos anos 1990... Para vocês terem ideia, os anos noventa, década de noventa, eu acho que foi extremamente mais importante profissionalmente e produtivamente do que os anos 1980. Porque nos anos 1990, além de fazer o meu trabalho como poeta, eu trabalhei muito. Trabalhava numa rede de livraria. Eu ofereci oficinas e literatura para instituições diversas, trabalhei na área de saúde com públicos específicos, trabalhei com usuários de droga, trabalhei com transtorno mental, trabalhei no sistema

socioeducativo, em presídios, não é? Em um período curto, mas extremamente profundo. Trabalhei com professores, no Programa Nacional de Incentivo à Leitura, que naquele período era um movimento fortíssimo no Brasil, que era gerenciado pela Fundação Biblioteca Nacional. Naquela época eu tive a oportunidade de conhecer o sistema educacional, professores do Espírito Santo inteiro, uma realidade cruel. Então foi uma década muito forte profissionalmente para mim. Então não cabia mais esse personagem vampiro noturno, mas eu continuei com a minha vida noturna, solitária, paralela. Então, são lendas que ficam na diversão de todas.

**O.L.: Você nunca chegou a morar fora do estado e passou uma temporada no Rio?**

**S.B.:** Não, nunca. Só muito *en passant*, eu nunca gostei de viajar, Orlando. Eu sou daquela pessoa que sou do mundo sem necessariamente ter que pegar nenhum navio... Eu gosto da minha aldeia. Eu nunca gostei de hotel. Todos os relatos de literatura que eu leio, pessoais, que eu viajei, eu tirei foto de tudo quanto é canto, eu acho um saco, acho um saco viajar. Chegar num lugar me dá vontade de voltar para casa. Isso nunca me deu prazer. Então eu fico escapando mesmo. E a minha postura foi bem Emily Dickinson mesmo. A Emily Dickinson, se for pensar a história dela, era uma mulher dona de casa praticamente que mal ia até o jardim que plantaram na casa dela, e escreveu uma obra gigantesca. E hoje eu estou muito isso. Há sete, oito anos eu estou um ermitão. Eu passo semanas dentro de casa, sem sair. Vou na padaria da esquina. Então de uma certa forma virou opção de vida. E eu acredito que isso não me limitou. Eu respeito pessoas que sentem esse desejo, essa fissura, essa necessidade de viajar, de conhecer o planeta *in loco*. Isso acrescenta em todos os sentidos para elas. Vou citar uma pessoa com quem nós temos grande afinidade nesse sentido, que é o Reinaldo Santos Neves. O Reinaldo Santos Neves tem horror a sair da casa dele, quanto mais pegar um avião. Ele pegou avião uma vez na vida. Ele tem pavor a viajar, nunca viajou na vida e tem uma obra internacional,

intergaláctica. É um dos maiores escritores do mundo. Tem um olhar literário de uma qualidade inegável, uma bagagem de conhecimento, de amadurecimento, de sensibilidade gigantesca. Então é isso: a aldeia é o meu mundo.

**C.G.: Eu queria fazer um arco desse período, anos 1980-1990, para *Blue sutil*. De certa forma, onde havia uma certa desesperança, fragmentação, estilhaçamento na poesia daquela época, então nesse arco você chega com uma prosa poética, pela primeira vez uma prévia dela exposta em função das redes sociais, porque você começou a escrever alguns textos em redes sociais, depois de muito tempo sem publicar absolutamente nada. E acredito que ali havia já um embrião ou algumas indicações, algumas arestas do que veio a ser o *Blue sutil*, e uma prosa poética que é quase aforística, assim, no meu entender – se eu estiver errado, me corrija. Mas ambos momentos continuam marcados pelo signo da perplexidade. Eu particularmente acho que um poeta, um escritor sem perplexidade está condenado ao beletismo. Qualquer artista que não esteja perplexo diante do mundo vai fazer perfumaria – e o poeta não tem nada de perfumaria. Mas no poema “Pinceis”, do livro *Pus*, tem um verso que diz: “diabo de mancha!/ na galeria de tinturas e restaurações mis/ gravura de um século passado/ moço sentado e perplexo com suas mãos e dedos” (BLANK, 2011, p. 85). Esse poema você fez com 22 ou 23 anos de idade. Agora você tem 55. Talvez menos, porque o livro é de 1987. As perplexidades são as mesmas ou a vida se encarregou de renovar os estoques de perplexidades? E como esse estar no mundo em estado de espanto, de assombro, reflete no que você escreveu? Eu acredito cegamente que sim. Se você me provar o contrário, eu vou [inint.] [01:12:19]<sup>2</sup> nesse final de semana.**

---

<sup>2</sup> Nota do transcritor indicando trecho ininteligível.

**S.B.:** Caê, a maior surpresa, o maior susto que eu tive recentemente foi a morte. A morte chegou para mim. Chegou bonita, com força, e como canta o outro lá, eu vi a morte e ela estava viva. Muito viva. Só que a morte chegou para mim sem medo. A morte chegou nos últimos anos com quatro situações muito fortes. E todas as vezes que a morte chegou na minha frente eu a enfrentei com muita suavidade, com muita leveza, com muita tranquilidade. E ela foi embora. E ela deu a volta e foi. E me deixou. O *Blue sutil* saiu disso, desses encontros com a morte. Talvez não perceba na leitura, nesses textos, porque eu busquei transformar essa vivência com a morte em suavidade. Eu me propus a isso. Eu acho que a morte traz dor. A morte está próxima sempre da perda, da doença, da ruptura inevitável associada a isso. E eu tentei transformar isso em suavidade, e daí que saiu o *Blue sutil*. Quando eu comecei a fazer as anotações, vamos chamar assim, no Facebook, que se transformaram no livro *Blue sutil*, não era um projeto de livro em momento algum. Eu comecei a tatear a linguagem das redes sociais com muito cuidado, porque as redes sociais se alimentam de imagens, imagens descartáveis, e eu não via aquilo de imediato associado à literatura que eu gostaria de fazer. As leituras que eu fazia de poemas tinha poemas seus, outros poetas que se comunicavam... Foi imenso. E foi um retorno que de cara me assustou, me preocupou. Me assustou porque o retorno não era o retorno de "bacana" ou "top". Ninguém escrevia "top" de retorno para mim. Muito pelo contrário. O retorno era extremamente sincero e não era do quintal. Não era de bajulações oficiais, nem de elogios com segundas e terceiras intenções. Era de uma sinceridade que me convenceu. E eu continuei a fazer essas anotações, mas em momento algum pensando que possibilitaria um livro, que seria literatura. Eram anotações com um dedo na memória, buscando suavidade, buscando afeto, porque quando você está doente, a primeira coisa que você quer é colo, você quer afeto. Eu estava doente, ainda estou. Não vou fazer um boletim médico, eu estou muito bem. Dentro do padrão que eu passei, eu estou ótimo. Estou fora de perigos imediatos. E veio esse afeto *online*, um afeto sincero. Apareceu, com o tempo me convenceu, conversando com poucas pessoas... Conversando pessoalmente, digamos assim, elas me convenceram:

“Sérgio, isso que você está fazendo é literatura sim”. Eu resolvi publicar em livro. Aí veio a questão: publicar como? Eu estava desiludido com esse universo do mercado editorial, não desiludido com as pessoas que estão fazendo o mercado editorial, mas desiludido com o que o mercado editorial se transformou hoje. Porque o mercado editorial que eu conheci em vários períodos, em várias décadas e o que é hoje o mercado editorial. Eu pensei: eu vou colocar esse livro como? Mandar para uma pequena editora que tem tantas fora? Não vou correr esse risco. Não vou perder meu tempo. Então eu resolvi fazer uma edição caseira. Como eu tenho repetido, fazer um bolo, um pão caseiro, fazer uma coisa minha. Eu inicialmente pensei em fazer o meu livro estilo cartoneiro, fazer artesanal mesmo, mas eu não tenho saco, nem paciência, nem talento. Então eu contratei uma gráfica, conversei com o funcionário da gráfica, “eu quero isso, isso aqui”, ele mais ou menos fez o que eu queria. Não ficou totalmente o que eu queria, mas fez, lancei o livro. Eu fiz uma coisa que eu sempre critiquei, edição do autor. Por que eu criticava isso? Porque eu trabalhei em livraria, trabalhei em biblioteca, e isso é uma merda. Quando um livro ia ser catalogado, a bibliotecária chegava para mim e perguntava: “que história é essa de edição do autor? Onde eu coloco isso no processamento técnico?”. Elas não entendiam muito na cabeça técnica delas onde enfiar isso. Mas foi uma edição pequena minha e fiz. Ainda não me arrependi. Falei isso nas duas ou três oportunidades que eu tive de conversar sobre essa história do *Blue sutil*. Eu ainda acho que eu me precipitei. Podia ter esperado um pouco mais e publicado o *Blue sutil*. Por quê? É prosa, claro. Eu não tenho afinidade com esse termo técnico prosa poética, apesar de que eu respeito algumas prosas poéticas que são feitas. Mas me convenceu relendo alguma coisa do Baudelaire e do Rimbaud, mas sem pretensão nenhuma de me comparar com esses caras. Muita gente vê isso como poesia em prosa em um período histórico. A gente também pode citar Drummond e Cecília Meireles. Fernando Pessoa. Por que não usar essa linguagem da prosa? Eu estou utilizando sim, mastigando ainda o termo poemas em prosa. Então esse livro talvez tenha sido algo pela excitação minha, talvez poderia ter esperado um pouco mais, mas o livro foi de um afeto que eu estava precisando no momento, num momento muito difícil no



início do ano, quando eu lancei, tentei encaixar perfeitamente naquele momento. E de um afeto público. As pessoas adquiriram o livro e leram, e chegaram, e chegam para mim até hoje, que gostam e é um gostar que eu vejo no brilho do olhar das pessoas. Elas gostaram daquilo ali. É diferente do que eu já fazia, mas eu como poeta, como escritor, como trabalhador da palavra, como oficineiro da escrita, eu acho que ficou muito a desejar ainda. Eu busquei usar um vocabulário bem curto, bem limitado, nada simplificado, bem sucinto, uma coisa até talvez, para dar esse meu recado de afeto, de suavidade, de falar do azul, esse azul da dor, do lamento, da memória, da solidão, da morte. Então o *Blue sutil* é isso. E ele está aí. Está se construindo. Não me arrependi ainda, mas eu tenho uma certa delicadeza em comprovar. Estamos fazendo uma proposta de segunda edição. Já fiz esse convite ao fotógrafo Vitor Nogueira, que aceitou generosamente. A gente vai fazer uma parceria com fotografia, que é uma coisa que eu tenho pensado há muitos anos já, em fazer um livro com fotografia. Vamos ver se vai funcionar. E é isso, Caê.

**C.G.:** Eu volto ao *Pus* novamente, porque na verdade você respondeu, um verso que eu separei inclusive para fazer uma colocação, depois você disse que o triunfo da beleza prova a morte. E não preciso nem mais perguntar, porque você já disse. É um dos versos que mais me tocam.

**S.B.:** Falar de morte, de escrever sobre morte é extremamente incômodo tanto para quem fala quanto para quem escuta. Ninguém quer saber da morte. A sociedade capitalista, a sociedade em si quer saber de vida. Ela quer vender felicidade, quer vender o bem-estar, o prazer. Falar de morte é uma coisa que não é elegante, não é de bom tom. Eu pensei em escrever um livro de poesias sobre a morte. Pensei mesmo. Mas, assim, eu postei mentalmente algumas coisas... livro de autoajuda?! Em hipótese alguma. Eu não quero passar mensagem: olha, eu fui lá no fundo, vi uma luz e voltei. Eu não acredito nessa porra! E não sou exemplo para ninguém, de forma alguma. O que acontece

comigo não é o que acontece com você. As suas doenças são conseqüências de tudo que você fez. Isso é óbvio. Então, assim, você que se lixe, você que se lustre, que se lixe, você que se cuide. Ninguém tem nada com isso. Não vou dar lição para ninguém por causa disso. E eu estou me cuidando de forma que eu estou conseguindo. Mas, assim, é isso, eu quis falar da morte com uma certa elegância e com suavidade. Espero que eu tenha conseguido. E sobrevivi à morte, mais uma vez. Há poucos meses eu saí de casa e eu estava dentro de um Uber, estava vindo do lançamento do livro do Grijó lá na biblioteca, e saí no final da tarde para evitar trânsito. Aí chegou no meio do caminho, o Uber em que eu estava bateu. Duas motos bateram no carro, que bateu num poste. Um acidente horrível, uma coisa assim, com 55 anos, eu nunca tinha passado por um acidente de carro. Nunca. Nenhum arranhãozinho assim. Não tinha essa história no meu currículo. E eu passei por um acidente horroroso. Eu só vi aquele carro sendo jogado no poste e eu no meio daquele monte de ferro. Quando eu saí daquele monte de ferragem inteiro, eu olhei para mim assim na BR, o motorista também saiu, e eu olhei para o carro, olhei para aquele monte de ferragem. Saí lindo, loiro e fútil, como dizia o Amylton de Almeida, e fui caminhando. Vi um táxi, entrei no táxi e segui o mundo, segui a vida. Então eu falei assim “que danada essa morte”. Ela está me espreitando. Ela está me errando. Então, assim, foi o último encontro que eu tive com a morte. E isso me divertiu, no sentido de que eu... Não é que eu seja imortal, que eu entrei na academia de letras, essa grande bobagem. Mas a vida é tão efêmera e tem que ser levada suavemente. Eu falo isso sempre. É doçura, eu falo isso da forma doce que eu sempre fui, que a minha literatura sempre foi. Tem que ser levada com suavidade. Porque se eu não tivesse levado esses últimos encontros com a doença, com a morte e transformado isso em literatura, sempre transformo em literatura, eu estaria perdido. E vem. Vem todo cicatrizado, com sequelas, mas vem. Então é isso. Ter suavidade, beleza. É o que eu tenho para o momento.

**O.L.: Gente, depois dessa resposta acho que a gente vai encerrar a entrevista. Bom, Sérgio, para mim é um grande prazer poder te ouvir.**

**Seria bom se fosse muito mais para estar conversando e para estar falando, mas saio daqui com a alma lavada, lavada de poesia, lavada de poeta.**

**C.G.: Não tenho o que dizer, assim, só que as palavras são as mesmas. Obrigado, Sérgio, obrigado novamente ao Neples, Vitor, Trapiche e toda turma aqui. Acho que esse formato é muito interessante. Daqui a cinquenta anos provavelmente nenhum de nós vai estar aqui, mas essas imagens vão estar disponíveis para quem queira entender o que era feito nesse tempo, além da publicação, além desse conteúdo ser vertido, eu acho que perpetuar isso em imagens é algo muito bacana também. Então obrigado, foi uma experiência incrível.**

**S.B.:** Bom, eu vou finalizar os agradecimentos, é claro. Eu quero agradecer ao Trapiche Café e Editora Cousa, que forneceu esse espaço tão bonito, tão elegante, tão necessário. É um trabalho de Saulo Ribeiro e equipe. Ruy Perini, Vitor Nogueira lá no Jalan Jalan e tantas outras pessoas aqui na Gama Rosa, centro de Vitória, que eu gostaria de acompanhar mais de perto, fisicamente, mas acompanho o tempo todo o que está acontecendo e aplaudo constantemente essa resistência, esse trabalho, essa dedicação. Agradecer ao convite do Vitor Cei e do Neples para receber essa homenagem da revista *Fernão*. Quando eu fiquei sabendo da revista *Fernão*, foi pelo Reinaldo Santos Neves, que sugeriu o título para a revista. Fernão é o pseudônimo que Renato Pacheco utilizou no livro *Cantos de Fernão Ferreira*, que são poemas que ele publicou pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida. Renato Pacheco, na época, muitas pessoas escutaram isso dele, ele psicografou esse livro. Renato não tinha um lado místico religioso, mas ele teve febre, duas ou três noites de febre. Então, assim, ele fala que psicografou o livro, baixaram três poetas nele e ele escreveu o livro *Cantos de Fernão Ferreira e outros poemas heterônimos*. É um trabalho literário impressionante, inspirado em Fernando Pessoa, nos heterônimos de Fernando Pessoa, e Reinaldo sugeriu, quando o Neples propôs fazer essa revista, de dar o

nome Fernão em homenagem a Renato Pacheco. E é uma sugestão que eu deixo aqui, que um dos próximos volumes homenageie Renato Pacheco<sup>3</sup>. O primeiro foi sobre Reinaldo Santos Neves, o segundo será sobre Bernadette Lyra, o terceiro será sobre a obra de Elisa Lucinda e depois vem o Sérgio Blank. Então, assim, eu estar sendo homenageado pela Universidade Federal do Espírito Santo, nessa revista, para mim é motivo de orgulho, de consolidação de um trabalho. Essa dedicação desses trinta e cinco anos. Também quero agradecer a Caê Guimarães e Orlando Lopes, que são duas pessoas que me acompanham já há bastante tempo e que eu acompanho o trabalho dos dois tanto como poeta, mas como ativistas da literatura do estado. Duas pessoas que eu tenho grande respeito e admiração. Então nós estamos aqui neste sábado especial de chuva e que a revista tenha vida longa, que o Neples tenha vida longa. O Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo, que é um trabalho belíssimo feito desde 1996. Eu tive a oportunidade de fazer alguns projetos no Neples junto com o Reinaldo Santos Neves. Para nós que fazemos literatura aqui no estado é primordial que tenha esse grupo na Ufes, que a Universidade tenha esse olhar sobre a literatura feita no Espírito Santo. Isso é fundamental. Essa revista é uma âncora. Muito obrigado.

### Referências:

BLANK, Sérgio. *Estilo de ser assim, tampouco*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1984.

BLANK, Sérgio. *Pus*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida; Rio de Janeiro: Ânima, 1987.

BLANK, Sérgio. *Um*. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 1988.

---

<sup>3</sup> Esclarece-se que a revista *Fernão* tem como proposta editorial dedicar a seção "Portfólio" somente ao estudo da obra de escritora(e)s viva(o)s, diferentemente do seminário Bravos Companheiros e Fantasmas, que homenageia autora(e)s morta(o)s (Nota editorial).

- BLANK, Sérgio. *Safira*. Vitória: Departamento Estadual de Cultura, 1991.
- BLANK, Sérgio. *A tabela periódica*. Secretaria de Produção e Difusão Cultural da Ufes, 1993.
- BLANK, Sérgio. *Vírgula*. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 1996.
- BLANK, Sérgio. *Os dias ímpares*. Vitória: Cousa, 2011.
- BLANK, Sérgio. *Blue sutil*. Campo Grande: Edição do Autor, 2019.

Recebida em: 7 de março de 2020  
Aprovada em: 24 de maio de 2020